DIVERGIR SEM DEIXAR DE AMAR: COMO ENFRENTAR A HOSTILIDADE MOTIVADA POR QUESTÕES POLÍTICAS

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Revisão da forma e do conteúdo pelo ChatGPT
Brasília, 1º de novembro de 2026

Uma das faces mais tristes do ambiente político conflagrado vivenciado no Brasil atual consiste na hostilidade, oriunda de pessoas queridas, em razão de posições políticas diferentes.

Esse quadro ocorre entre colegas de trabalho, amigos e familiares mais distantes e mais próximos. Até mesmo entre pais, mães, filhos e filhas se observa uma animosidade, maior ou menor, em razão de escolhas político-eleitorais diversas.

Creio que seja preciso distinguir duas situações. Temos aqueles casos em que um diálogo racional e civilizado, sem agressões, pode ser estabelecido. Em outros, mais delicados, a conversa fica interditada por sucessivas, e até crescentes, estocadas e provocações.

No primeiro caso, é possível utilizar o debate, de coração aberto, para confirmar ou modificar entendimentos sobre questões estruturais ou fundamentais (tamanho da presença do Estado, configuração das políticas públicas de cunho social, endividamento público e privado, juros, subsídios, renúncias fiscais, política monetária, entre outras). Também é viável constatar que a realidade é a régua da verdade e a mais nobre causa para manutenções ou mudanças de pontos de vista. Ademais, a possibilidade de divergir sem

ofensas abre espaço para o reforço dos sentimentos de respeito, carinho e amor mútuos.

O segundo tipo de caso é um grande desafio (ou teste de vida). Em regra, aquele que ofende está totalmente convicto de suas verdades, notadamente que está do lado de tudo que é bom (do bem) em luta contra tudo que é ruim (o mal). Essa certeza gera uma incompreensão não racional, visceralmente emocional, acerca do entendimento divergente. Os comportamentos agressivos emergem com uma surpreendente naturalidade.

Mas o que fazer quando você está na condição de alvo desses seguidos, e muitas vezes crescentes, ataques irracionais e fortemente emocionais?

Não parece adequado, prudente ou construtivo revidar na mesma moeda. A escalada de agressões é absolutamente inútil no convencimento de parte a parte. O resultado quase certo desse caminho belicoso é o desgaste da relação e o acúmulo de mágoas e ressentimentos. Em suma, alimentar essa negatividade produzirá quadros mentais e afetivos perturbadores e destrutivos.

Assim, o silêncio parece ser a primeira resposta para as ofensas ou agressões. Não alimentar o conflito tende a minimizá-lo. Eventualmente, a ausência de belicosidade pode despertar algum nível de reflexão naquele que insiste em ofender e agredir. O silêncio não significa concordância com as ofensas, renúncia às próprias convicções ou aceitação de um tratamento desrespeitoso. Representa, apenas, a decisão consciente de não transformar uma divergência em uma disputa destrutiva. Não se trata de passividade, mas de serenidade.

O segundo nível de resposta deve ser ativo, em palavras e atitudes. Registrar expressamente, por falas ou escritos, os melhores sentimentos pode desarmar aquele propenso ao combate. Vale dizer ou escrever, com todas as variações possíveis: “Discordo de você, mas isso não afeta um milímetro sequer meu respeito, carinho e amor por você”.

Recentemente, em uma conversa dura e respeitosa com uma querida amiga e vizinha, afirmei algo assim: “Não concordo com seu pensamento e suas posições políticas, mas tenho tanta estima por você que é a única pessoa que tem, e vai continuar tendo, a chave da minha casa”. Essa afirmação de apreço manteve o respeito e o carinho e cada um com suas convicções.

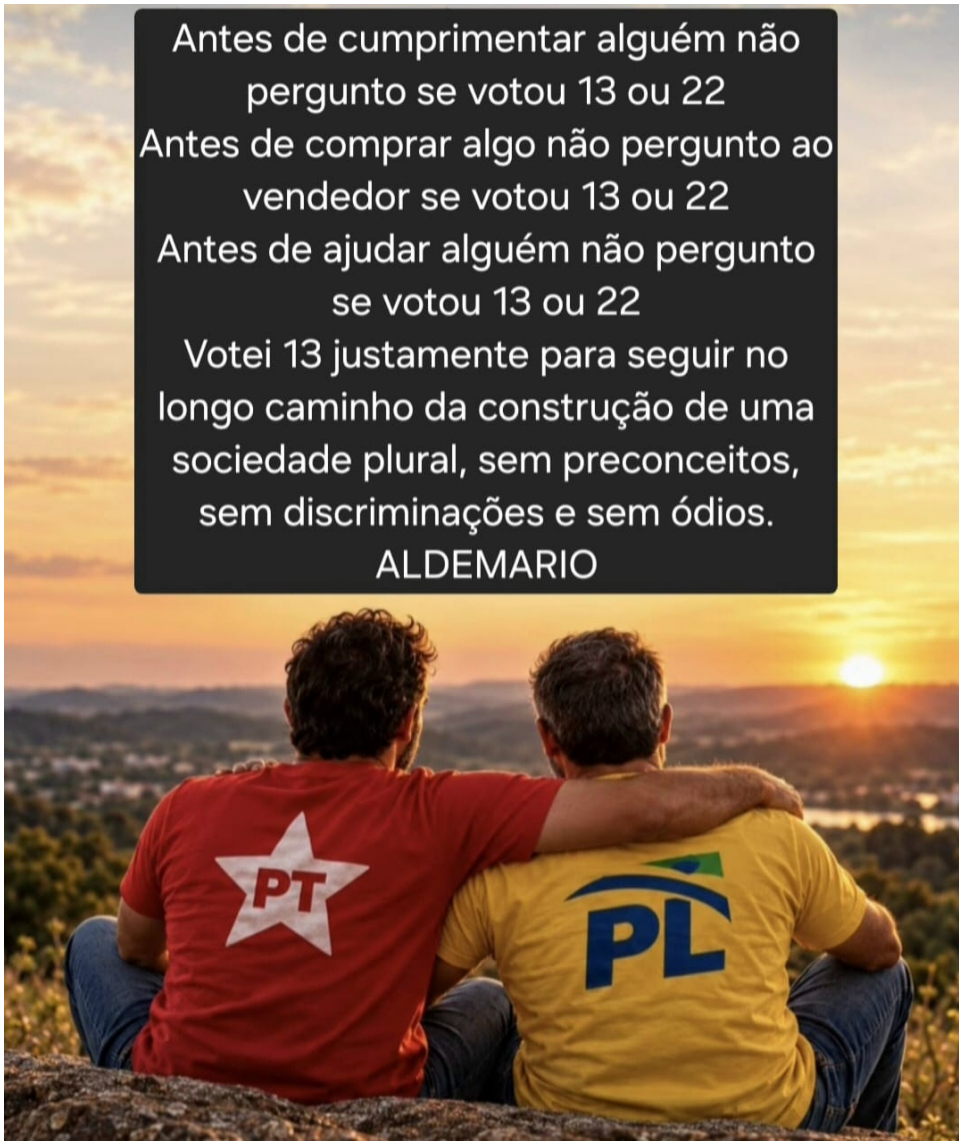
Além de palavras, atitudes podem e devem ser realizadas, desde as mais simples até as mais elaboradas. Se despedir com um beijo ou abraço, entregar um copo com água ou dar um presentinho, entre uma enorme variedade de ações possíveis, são demonstrações importantes de que a belicosidade não é compatível com os mais nobres sentimentos nutridos entre pessoas que se querem bem.

Preservar o afeto não exige suportar toda forma de hostilidade. Quando as agressões persistem, estabelecer limites e reduzir temporariamente o contato pode ser necessário para proteger a própria dignidade, sem que isso implique alimentar o ódio ou desejar o mal à outra pessoa.

Chegamos, assim, ao ponto central dessa breve reflexão. É preciso fazer das tripas coração para que os sentimentos negativos, especialmente aqueles mais perversos (desprezo, discriminação, ódio, etc), não se sobreponham ao respeito, carinho e amor. Atribui-se a Martin Luther King Jr a seguinte e sábia lição:

> “Eu decidi ficar com o amor. O ódio é um fardo muito grande para se carregar”.

Não desconheço a complexidade (e a riqueza) dos mecanismos sociais e psicológicos utilizados para capturar consciências e estimular os sentimentos mais negativos. Entre eles, podem ser mencionados o

comportamento de seita, a alienação por contágio de massa, o sentimento de pertencimento, a identidade de grupo, a idealização do líder, a construção de um inimigo comum, a amplificação artificial dos medos, a dissonância cognitiva, o viés de confirmação, a repetição exaustiva de notícias falsas (*fake news*), o sentimento de superioridade moral, a moralidade seletiva, a zona de conforto intelectual e o custo psicológico de mudar de posição.

Entretanto, o objetivo desta reflexão é apenas apontar alguns caminhos para construir uma convivência melhor com pessoas queridas e amadas distanciadas por posições políticas diferentes.